

## RECADO DE PARIS

PARIS, maio — Thomas Mann passou três dias em Paris; autografou a tradução de seu novo livro "O Doutor Fausto" e fez uma conferência na Sorbonne.

Maurois dá uma idéia do livro. Diz que nesse romance Thomas Mann expõe suas idéias sobre Deus, a música, a arte, a Alemanha, a sexualidade e o nosso tempo. O essencial da obra são longas conversas cheias de paradoxos metafísicos e discussões teológicas. "O pretexto é uma biografia imaginária de um músico alemão moderno, Richard Leverkuhn, compositor genial criado, em todas as suas peças, por Thomas Mann, como Jean-Christophe o foi por Romain Rolland e Vinteuil por Proust. Muitos elementos do real foram utilizados para animar esse herói. Sua música é, em parte, a de Schoenberg; achei em sua vida um episódio da vida de Tchaikovsky; e a loucura que destrói esse espírito é em parte a de Nietzsche, em parte a de Schumann".

Leverkuhn deve seu gênio a um pacto com o Diabo, um Diabo que existe dentro dele mesmo. Maurois classifica o livro de patético, e acha que Leverkuhn encarna, de um certo ponto de vista, toda a Alemanha. E sobre Thomas Mann escreve: "é um destino estranho, o desse grave escritor que, no tempo do nazismo, rompeu com seu país, refugiou-se nos Estados Unidos e ali fez uma carreira triunfal; que julga com lucidez pela razão e pela verdade; e, entretanto, admira, do fundo do coração, o elemento germânico primitivo, e dele tira a sua arte."

Na Sorbonne, Thomas Mann foi recebido pela assistência compacta, em que estava todo o alto mundo intelectual de Paris, com uma salva de palmas que durou quase 15 minutos — e é alguma coisa de comovedor ver um alemão ser assim recebido na França. Jules Romains saudou Mann; ao agradecer, este trocou o seu nome pelo de Romain Rolland. Um momento de embaraço, alguns risos — e depois outra salva de palmas como em homenagem ao grande escritor morto.

Todo vestido de preto, com gestos sóbrios, Thomas Mann começou a falar: "Sofri profundamente quando, há dez anos, a Alemanha celebrou sua miserável vitória sobre a França". Mas adverte, a certa altura, falando de seu livro: "A tendência a pactuar com o demônio, da qual muito se falou a propósito de Fausto, não se limita à Alemanha". E depois: "Nunca fui, nunca serei um homem de partido. Cada homem que atiga o ódio deve sempre pensar que está apressando a catástrofe."

19.5.50 R. B.